# IMIGRAÇÃO

## OS MITOS E OS FACTOS

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

acidi
Alto Comissariado para a Imigração e o Diálogo Intercultural, I. P.

Como em outras esferas da sociedade há, em torno da imigração, "verdades" que se criam a partir de ideias feitas e aparentemente coerentes que, no entanto, são profundamente erradas. Verdades estas que, em muitos casos, servem interesses e ideologias.

O paralelo mais óbvio é a odisseia de Galileu, na contestação à "verdade" de que o Sol girava em torno da Terra. Não era evidente o que todos viam: o Sol a "movimentar-se" entre o Nascente e o Poente? Como se podia duvidar disso?

Há hoje no domínio do senso comum, na opinião pública sobre imigração, vários casos equivalentes de "Sóis a girar em torno da Terra". Ideias correntes como a de que a imigração vem roubar os nossos empregos, que está ligada ao crime ou que desgasta a nossa Segurança Social, são exemplos cristalinos destes erros de análise.

Mas importa sermos rigorosos e sérios, na procura da verdade para além das ilusões de óptica. Por isso, enfrentaremos alguns dos mitos sobre imigração, a partir do conhecimento científico adquirido, através de uma discussão dos factos e da sua interpretação rigorosa.

Além disso, convém relembrar que Portugal tem 4,5 milhões de emigrantes espalhados pelo Mundo. Por cada imigrante que temos entre nós, temos 10 emigrantes portugueses pelos quatro cantos do mundo. Tudo o que dissermos sobre imigração, lembremo-nos que também se aplica aos nossos emigrantes.

# Responda às seguintes questões:

| | Verdadeiro | Falso |
|---|---|---|
| Os imigrantes estão a invadir-nos? | ☐ | ☐ |
| Os imigrantes vêm roubar empregos e fazer baixar os salários? | ☐ | ☐ |
| Os imigrantes vêm desgastar a nossa segurança social e são parasitas a viver de subsídios ? | ☐ | ☐ |
| Os imigrantes estão associados ao crime? | ☐ | ☐ |
| Os imigrantes trazem-nos doenças? | ☐ | ☐ |
| Os imigrantes "ilegais" são perigosos? | ☐ | ☐ |
| Os imigrantes rejeitam Portugal? | ☐ | ☐ |
| Os imigrantes vão colocar em risco a nossa cultura e as nossas tradições? | ☐ | ☐ |

**.... Agora leia atentamente as próximas páginas e cruze a informação disponível com as suas respostas.**

# Os imigrantes estão a invadir-nos?

Estima-se que em Portugal estejam 452 725 estrangeiros em situação legal:[1]

| 2007 | | Total |
|---|---|---|
| Autorizações de Residência | | 401 612 |
| Total Prorrogações de AP | | 5741 |
| Total Prorrogações Vistos de Longa Duração | | 28 383 |
| Lei antiga (1) | Vistos de Trabalho Concedidos | 4825 |
| | Vistos de Estudos Concedidos | 1836 |
| | Vistos de Estada Temporária Concedidos | 3244 |
| Nova lei (1) | Vistos de Residência Concedidos | 6432 |
| | Vistos de Estada Temporária Concedidos | 692 |
| | **TOTAL** | **452 725** |

Fonte: Serviço de Estrangeiros e Fronteiras e (1) Ministério dos Negócios Estrangeiros

Mas quererá esse número dizer que os imigrantes estão a invadir-nos?

Esta é, seguramente, uma ideia que assalta muitos portugueses e com uma explicação compreensível. Tem sido repetido à exaustão que Portugal viveu nos últimos anos um crescimento muito significativo do número de imigrantes. Em números redondos, em 1960 a população estrangeira com residência legal era de apenas 0,3%. Em 1980 essa percentagem passa a corresponder a 0,5% e já em 2005, verifica-se um reforço significativo da sua importância, que se traduz numa subida percentual para 4,3%.

Este crescimento é realmente significativo, nomeadamente se atendermos ao curto período em que decorreu. Mas, desconstruamos os números.

Apesar do crescimento do número de imigrantes nos últimos anos, Portugal está longe de ser um dos países europeus com maior

1. Não estão contabilizados neste número os estrangeiros que chegam ao país com um visto de curta duração, visto de trânsito e/ou visto de escala.

percentagem de imigrantes. Em 2006, não considerando o caso específico do Luxemburgo com cerca de 41,6% de população estrangeira (a maioria dos quais portugueses), os países europeus com maior percentagem de estrangeiros no seu território eram a Suíça (20,3%), a Espanha (10,3%), a Áustria (9,9%) e a Bélgica (8,8%).

| % População Estrangeira por País (2006) | |
|---|---|
| Luxemburgo | 41,6 |
| Suíça | 20,3 |
| Espanha | 10,3 |
| Áustria | 9,9 |
| Bélgica | 8,8 |
| Alemanha | 8,2 |
| Irlanda | 6,3* |
| Inglaterra | 5,8 |
| Suécia | 5,4 |
| Dinamarca | 5,1 |
| Noruega | 5,1 |
| Itália | 5,0 |
| Holanda | 4,2 |
| Portugal | 4,1 |
| Finlândia | 2,3 |

Fonte: *International Migration Outlook*, OCDE 2008

* Dados de 2005 (*International Migration Outlook*, OCDE 2007)

Nota-se também que Portugal está entre os países que recebe anualmente menor

**_Portugal está longe de ser um dos países europeus com maior percentagem de estrangeiros_**

número de imigrantes. Segundo dados da OCDE, em 2006 a chegada de estrangeiros a Portugal representou apenas 0,24% da sua população total.

Acresce que este aumento de imigração se deveu a um período de grande crescimento económico de Portugal, na segunda metade dos anos 90.

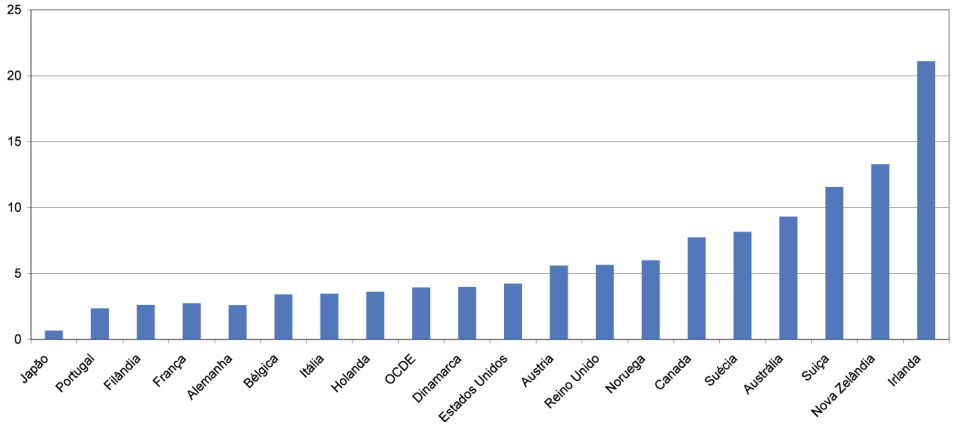
Este exigiu, para a sua concretização, uma disponibilidade de mão-de-obra muito significativa, à qual Portugal não tinha capacidade de responder. Era o tempo da Expo 98, da Ponte Vasco da Gama, da Auto-estrada do Sul e, mais tarde, dos Estádios do Euro 2004.

Quando se contextualiza desta forma o aumento do número de imigrantes, percebe-se que, e como sempre nos fenómenos migratórios, essa oportunidade/necessidade encontra de imediato resposta nos fluxos migratórios.

Portugal precisa, tal como os restantes países da Europa, dos trabalhadores imigrantes para satisfazer as carências do mercado de trabalho.[2] Assim não é surpreendente

2. Vd. *Trends in International Migration*, OCDE, 2003: 27.

Gráfico 1 - **Entrada de estrangeiros em 2006 por mil pessoas de população em países seleccionados na OCDE**




Fonte: *International Migration Outlook*,OCDE, http://www.oecd.org/els/migration/imo2008

verificar que, quando comparado com outros países, Portugal se destaque por procurar na imigração essencialmente uma força de trabalho. Segundo dados da OCDE, em 2006, 29% dos fluxos imigratórios que chegaram a Portugal vieram para trabalhar.

***Não foram os imigrantes que nos "invadiram"; somos nós que necessitamos deles.***

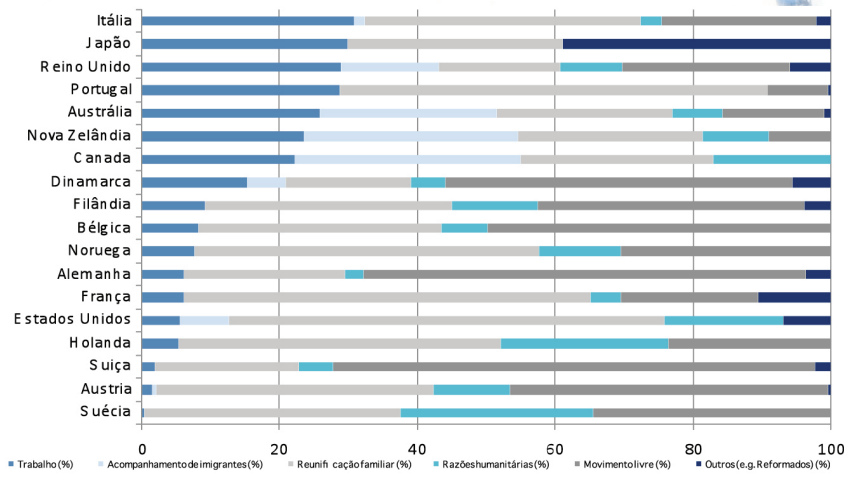
**Importa também abordar agora outra perspectiva complementar da mesma questão: pode Portugal, a médio-longo prazo, dispensar a presença de imigrantes?**

O nosso país, como toda a Europa, vive um ciclo de quebra demográfica, com redução significativa do número total de habitantes e crescente envelhecimento da população. As previsões apontam para que a Europa perca até 2050, pelo menos, 22 milhões de pessoas. Também apontam que se não existisse imigração, o número de pessoas em idade activa (entre 15 e 64 anos) desceria 19% até essa data[3]. No mesmo período, as pessoas com mais de 64 anos, aumentarão de 73 para 125 milhões. Em 2050, por cada 2 trabalhadores no activo haverá 1 reformado/pensionista. Hoje a proporção é de 4 trabalhadores para cada reformado.



3. cf. Holzmann, R.; Munz, R. (2004) *Challenges and opportunities of international migration for EU, its member States, neighboring countries and Regions:a policy note*, World Bank

Gráfico 2 - **Percentagem de fluxos de imigração segundo a categoria de entradas em países da OCDE**




Fonte: *International Migration Outlook*,OCDE, http://www.oecd.org/els/migration/imo2008

Este cenário é muito complexo e de sustentabilidade duvidosa e torna-nos dependentes da imigração como um dos principais factores de compensação.

**A importância dos estrangeiros no total da população activa portuguesa** era, segundo os dados dos Censos de 2001 de 4,2% e representava 2,2% da população total. Essa importância relativa é ainda mais significativa se atendermos ao facto que, em 2001, a percentagem de população activa com idades compreendidas entre os 20 e os 44 anos corresponde a 80,3% da população activa estrangeira e a apenas 63,8% do total de população activa em Portugal.

**População Activa segundo o escalão etário, em 2001**

| Escalões Etários | Portugal | Estrangeiros |
|---|---|---|
| | % | % |
| 15-19 | 3,8 | 3,8 |
| 20-24 | 10,7 | 14,7 |
| 25-29 | 14,1 | 21,6 |
| 30-34 | 13,3 | 18,5 |
| 35-39 | 13,4 | 14,6 |
| 40-44 | 12,3 | 10,9 |
| 45-49 | 11,1 | 7,2 |
| 50-54 | 9,3 | 4,1 |
| 55-59 | 6,3 | 2,5 |
| 60-64 | 3,8 | 1,4 |
| 65 + | 1,8 | 0,8 |
| Total | 100 | 100 |

Fonte: *Censos* de 2001, INE

Como foi sublinhado no estudo do Observatório de Imigração, coordenado pela Professora Maria João Valente Rosa[4], os imigrantes contribuíram para o reequilíbrio dos dois sexos, para o aumento de efectivos em idade activa (na década de noventa, o número de indivíduos com 15-34 anos teria diminuído em Portugal sem a presença de estrangeiros) e, com as suas últimas vagas, para um povoamento mais equilibrado. Mas, fundamentalmente, *"a manutenção de um saldo migratório positivo[5] pode contribuir para inverter a tendência de efectivos e para "segurar" o decréscimo de efectivos em idades activas"*. Apesar disso, não será suficiente para contrariar, em absoluto, a quebra demográfica. Ou seja, sem a entrada de novos imigrantes, o nosso problema demográfico, nomeadamente associado ao envelhecimento, será muito mais grave.

***Sem a entrada de novos imigrantes, o nosso problema demográfico será muito mais grave***



4. Valente Rosa, Maria João *et al* (2004) *Contributos dos Imigrantes na Demografia Portuguesa – O papel das populações de nacionalidade estrangeira*, Observatório da Imigração.
5. Entrada de imigrantes superior á saída de emigrantes

# Os imigrantes vêm "roubar" empregos e fazer baixar os salários?

Esta ideia corrente baseia-se na convicção de que uma nova mão-de-obra introduzida no mercado de trabalho competirá pelos postos de trabalho existentes, expulsará quem já aí está e, segundo as leis do mercado, fará baixar salários. Simples, óbvio... e, por regra, falso.

Vejamos porquê.

Comecemos por uma análise macro. Se fosse verdade esta correlação automática entre imigração e desemprego, encontraríamos uma maior taxa de desemprego nos países com maior percentagem de imigrantes. Ora, um estudo da OCDE[6] demonstra o contrário: as maiores taxas de desemprego estão em países com baixas percentagens de imigrantes e os países com maiores percentagens de imigrantes têm taxas de desemprego relativamente baixas (Canadá, Austrália, EUA, Suíça). A presença de taxas elevadas de população estrangeira num país não é um factor explicativo de elevadas taxas de desemprego.

***As maiores taxas de desemprego estão em países com baixas percentagens de imigrantes e os países com maiores percentagens de imigrantes, têm taxas de desemprego relativamente baixas.***

Nos fluxos migratórios de motivação económica existe uma natural racionalidade. A correlação é, em certa medida, a oposta: onde existe desemprego alto, aí está um destino não atractivo para imigrantes; onde há baixo desemprego e oferta de trabalho disponível, temos um destino atractivo para imigrantes.

Este potencial de atracção evolui dinamicamente com os ciclos económicos de desenvolvimento e, dada a grande mobilidade e flexibilidade da mão-de-obra imigrante, esta evolui com ela. É significativo o exemplo de que o crescimento da taxa de desemprego em Portugal, entre 2001 e 2005, de 4% para



6. Gráfico disponível no relatório da OCDE *Trends in immigration and economics consequences* de Coppel *et al.* (2001), pág.15. Ver em www.oecd.org/eco/eco

próximo dos 7%, foi acompanhada da não renovação – e provável saída – de 65 000 imigrantes que correspondiam a 15% do contingente existente e a um terço dos imigrantes entrados nos últimos cinco anos.

É também significativo que os picos de taxa de desemprego tenham ocorrido em anos que não registávamos uma presença relevante de imigrantes, como por exemplo, nos anos de 1984 e 1985 (10,4% de taxa de desemprego) ou 1987 (8,7%).

Por outro lado, a ser verdade que os imigrantes roubam os empregos aos nacionais deveriam detectar-se taxas de desemprego maiores entre as populações nativas. Contudo os dados oficiais acerca de países de imigração mostram exactamente o inverso. Em particular na Europa, segundo dados da OCDE, os imigrantes mostram-se bastante mais vulneráveis ao desemprego que as populações europeias.[7]

Portugal não é excepção. Segundo dados dos Censos, verifica-se que nas últimas duas décadas os imigrantes apresentaram sempre taxas de desemprego mais elevadas.

**Taxa de desemprego**

| Nacionalidade | 1991 | 2001 |
|---|---|---|
| Portugueses | 6% | 7% |
| Total de estrangeiros | 9% | 9% |
| Angola | 12% | 14% |
| Guiné-Bissau | 9% | 12% |
| São Tomé e Príncipe | 12% | 11% |
| Moçambique | 11% | 11% |
| França | 10% | 8% |
| Venezuela | 9% | 8% |
| Canadá | 9% | 8% |
| Cabo Verde | 8% | 8% |
| Estados Unidos da América | 8% | 8% |
| Brasil | 9% | 7% |
| Espanha | 7% | 7% |
| Alemanha | 8% | 6% |
| Países Baixos | 8% | 4% |
| Reino Unido | 6% | 4% |

Fonte: *Censos* de 1991 e 2001, INE



7. Para aprofundar vd. *International Migration Outlook*, OCDE, 2006: 58.

Estes números evidenciam inequivocamente que não há correlação entre desemprego e imigração.

A este ponto importa acrescentar um outro que também é evidenciado pelas estatísticas: os imigrantes, em contexto de crise económica, são os primeiros a perderem o emprego, dado a sua maior vulnerabilidade contratual e por estarem em sectores de actividade muito sensíveis às crises. Isso faz com que exista mais uma desvantagem competitiva para esta população que mais facilmente é "descartada" pelo sistema. De uma forma grosseira, quando escasseiam os empregos, os mais ameaçados são os imigrantes, que sofrem percentagens de desemprego proporcionalmente maiores que os nacionais.

***Os imigrantes, em contexto de crise económica, são os primeiros a perderem o emprego, dado a sua maior vulnerabilidade contratual e por estarem em sectores de actividade muito sensíveis às crises***

Adicionalmente, constata-se que os imigrantes tendem a concentrar-se em sectores económicos que, pelas suas características e riscos, os portugueses não procuram. Por outras palavras os imigrantes não roubam os empregos aos nacionais, mas respondem às carências de determinados segmentos do mercado de trabalho português. Uma vez mais observemos dados oficiais:

**Distribuição da população empregada estrangeira e portuguesa por sector de actividade (2001)**

| Sector de Actividade | Estrangeiros por Sector (%) | Repartição Sectorial dos Estrangeiros (%) | Repartição sectorial dos restantes trabalhadores (%) |
|---|---|---|---|
| Agricultura/Silvicultura e Pescas | 2,7 | 2,7 | 12,6 |
| Indústrias | 3,1 | 14,0 | **22,0** |
| Construção Civil | **14,8** | **36,1** | 11,1 |
| Hotelaria e Restauração | 11,7 | 12,9 | 4,9 |
| Comércio | 1,9 | 7,8 | **15,5** |
| Serviço a Empresas | 9,6 | 15,0 | 4,8 |
| Outros | 2,3 | 11,6 | 29,1 |
| **Total** | **5,0** | **100** | **100** |

Fonte: *Censos* de 2001, INE

Verifica-se que uma parte substantiva dos imigrantes activos trabalham no sector da construção civil e indústrias. Ora, segundo dados da Inspecção-Geral do Trabalho, esses são exactamente os sectores de actividade com maior sinistralidade mortal. Segundo a mesma fonte, os riscos profissionais tendem a variar também em função da nacionalidade. Em 2001, por cada 10 000 trabalhadores morreram 2 estrangeiros e 0,56 portugueses.

Por outras palavras, indivíduos com nacionalidade estrangeira encontram-se substancialmente mais vulneráveis ao risco e à insegurança no trabalho que os trabalhadores portugueses.

No estudo coordenado por Horácio C. Faustino para o Observatório da Imigração[8] é também demonstrado o impacto positivo da imigração sobre as exportações portuguesas. Este estudo permite ainda reconhecer as oportunidades económicas existentes nos países de origem dos imigrantes, podendo o tecido empresarial português beneficiar das redes sociais dos imigrantes, do seu domínio da língua ou dos códigos das respectivas culturas burocráticas e empresarias.

Nestes tempos de crise financeira mundial que comporta inevitáveis reflexos no equilíbrio da balança comercial portuguesa, importa ter presente estes dados para percebermos as vantagens competitivas decorrentes da actual mão-de-obra imigrante ou da presença de imigrantes empreendedores e empregadores, que também podem ser actores facilitadores das exportações portuguesas com o que isto representa para o fortalecimento da economia portuguesa.
Neste contexto é possível concluir que os imigrantes não vêm roubar os trabalhos aos portugueses, mas ocupam essencialmente os trabalhos que os portugueses evitam por serem mais arriscados e/ou mais sujos.

Deve-se referir ainda que, conforme foi demonstrado nos estudos de Catarina Reis Oliveira[9] para o Observatório de Imigração, os imigrantes demonstram maior propensão para a iniciativa empresarial do que os portugueses. Por outras palavras, os imigrantes não só não vêm "roubar" empregos como contribuem mesmo para a criação de empregos em Portugal. À semelhança do observado em inúmeros países da OCDE, a iniciativa empresarial imigrante tem vindo a reforçar-se em Portugal, tendo passado de 4500 empregadores imigrantes em 1991 para 20 500 em 2001. Por outro lado, a importância relativa dos imigrantes no total de empregadores no país passou, no mesmo período, de 1,7 por cento para 4,4 por cento.

8. Faustino, Horácio *et al.*, *As características da Imigração em Portugal e os seus efeitos no comércio bilateral*, Observatório da Imigração.
9. Oliveira, Catarina Reis (2004), *Estratégias Empresariais de Imigrantes em Portugal*, Observatório da Imigração & Oliveira, Catarina Reis (2005), *Empresários de origem imigrante: estratégias de inserção económica em Portugal*, Observatório da Imigração e reedição em 2008.

## *Os estrangeiros concentram-se nos sectores de actividade de maior risco, onde se verifica maior sinistralidade mortal*

**E no que diz respeito aos salários, haverá evidências de que os imigrantes fazem diminuir os salários em Portugal?**

Uma vez mais os dados oficiais demonstram que essa ideia não passa de um mito, *vide* a publicação *Quadros de Pessoal 2004* da Direcção-Geral de Estudos, Estatística e Planeamento (DGEEP), que tem por base o preenchimento anual e obrigatório dos mapas do quadro de pessoal por parte das entidades com trabalhadores ao seu serviço, constituindo desse modo um virtual censo dos trabalhadores por conta de outrem. Tal como é possível observar na tabela, existem claras diferenças na remuneração base dos imigrantes face ao total nacional em todos os níveis de qualificação.

Contudo, estas diferenças não têm sempre o mesmo sentido: no topo da escala de qualificação a remuneração base dos imigrantes é mais alta, enquanto que nos níveis inferiores de qualificação os estrangeiros auferem remunerações base mais baixas. No que respeita à profissão, o panorama é em tudo semelhante: nos grupos profissionais superiores os imigrantes são melhor remunerados do que a generalidade dos trabalhadores por conta de outrem, enquanto que nos grupos profissionais menos qualificados os imigrantes são pior remunerados do que é usual.

**Remuneração base média por níveis de qualificação em 2004**

| Qualificação | Remuneração Base | | Diferença relativa entre estrangeiros e total de trabalhadores |
|---|---|---|---|
| | Total | Estrangeiros | |
| Quadros. Superiores | 1967,45 € | 2614,98 € | 33% |
| Quadros Médios | 1345,16 € | 1497,63 € | 11% |
| Encarregados, Contramestres, Mestres e Chefe de Equipa | 954,06 € | 1020,52 € | 7% |
| Profissionais Altamente Qualificados | 1068,86 € | 1082,70 € | 1% |
| Profissionais Qualificadas | 617,70 € | 575,32 € | -7% |
| Profissionais Semi-Qualificadas | 507,59 € | 472,52 € | -7% |
| Profissionais Não Qualificadas | 448,75 € | 417,93 € | -7% |
| Praticantes e Aprendizes | 422,05 € | 412,96 € | -2% |
| Nível Desconhecido | 628,34 € | 556,74 € | -11% |
| **Total** | **741,41 €** | **617,22 €** | **-17%** |

Fonte: DGEEP, *Quadros de Pessoal* de 2004.

# Os imigrantes vêm segurança social e

Esta é outra ideia frequente, que em Portugal se tem reduzido, mas que ainda persiste. Nos inquéritos sobre *Imagens Recíprocas entre Imigrantes e Nacionais*[10], desenvolvidos para o Observatório de Imigração, o número de portugueses que respondeu "*concordo*" à afirmação "*os imigrantes recebem da Segurança Social mais do que dão*", desceu de 42% para 21%.

Os dados objectivos são, no entanto, inequívocos, em Portugal e noutros países. Apesar da complexidade da análise, nomeadamente na sobreposição de diferentes ciclos de vida de contribuições e de diferentes metodologias de cálculo, quando se procura estudar o contributo dos imigrantes para as contas do Estado, todos as conclusões são convergentes.

***Os imigrantes dão uma substancial contribuição para aliviar a carga fiscal de gerações futuras em países da Europa com baixa fertilidade***

Comecemos pelo *World Economic and Social Survey 2004*, das Nações Unidas, sobre Migrações internacionais que refere:

"*Em geral, estes exercícios tendem a mostrar que os imigrantes dão uma substancial contribuição para aliviar a carga fiscal de gerações futuras em países da Europa com baixa fertilidade* (Collado, Iturbe-Ormaetxe and Valera, 2003; Bonin, 2002). *Cálculos da Alemanha, mostram que o seu ganho fiscal, decorrente da admissão de trabalhadores migrantes, é potencialmente grande (...). Devido à composição etária favorável, a sua média de pagamentos para o sector público pode ser positiva, mesmo depois de descontar os gastos adicionais com eles (...).*"[11]

Em Portugal, André Corrêa d´Almeida[12] elaborou uma análise mais vasta para o Observatório da Imigração, indo além do sistema de segurança social e observando o impacto no conjunto das contas públicas. As suas conclusões apontam para um **saldo positivo de 324 milhões de Euros em 2001 e de 243 milhões de Euros em 2002** (em média, cada imigrante empregado terá sido um contribuinte líquido do Estado Português, em 2001 no montante de 1365€ e em 2002 no montante de 827€).

Ainda sobre a situação portuguesa, importa referir que os imigrantes não beneficiam de qualquer subsídio ou apoio social específico, exclusivamente a eles destinado.



10. Disponíveis em www.oi.acidi.gov.pt
11. *World Economic and Social Survey 2004 – International Migrations,* United Nations, pág.121.
12. Corrêa D´ Almeida (2002), *Impacto da Imigração em Portugal nas contas do Estado*, Observatório da Imigração e reedição de 2007.

# desgastar a nossa
# viver de subsídios?

Ao nível do apoio social, cumprem os mesmos prazos de garantia que os nacionais para poderem beneficiar de, por exemplo, subsídio de desemprego e só acedem gra-

***Os imigrantes não beneficiam de qualquer subsídio ou apoio social específico, exclusivamente a eles destinados. Os benefícios que podem usufruir decorrem das suas próprias contribuições***

tuitamente, ou com taxas moderadoras, ao Sistema Nacional de Saúde se estiverem inscritos na Segurança Social. Quanto a isto, nada a opor. É o justo princípio da igualdade. Mas importa ter consciência – e que a opinião pública o saiba – que nada é oferecido aos imigrantes: os benefícios que podem usufruir decorrem das suas próprias contribuições. São, por isso, direitos adquiridos e não benesses da sociedade de acolhimento.

No domínio da Segurança Social, há ainda uma outra dimensão a sublinhar, que contraria o mito de que os imigrantes sobre-

carregam o sistema. A quebra demográfica acentuada que temos vindo a sentir em toda a Europa, e também em Portugal, vai agravar-se. Ao mesmo tempo, a esperança de vida alarga-se, havendo por isso um número de beneficiários cada vez maior e a usufruir mais tempo de apoio social. Este fenómeno arrasta a preocupante questão da sustentabilidade do sistema de segurança social. Ora, não sendo a solução completa, a contribuição de mão-de-obra imigrante legal, que entra de imediato na vida activa e é contribuinte líquida, não só não é um peso, como é importante para a sustentabilidade do sistema da segurança social.

***A contribuição de mão-de-obra imigrante legal, é importante para a sustentabilidade do sistema da segurança social***

# Os imigrantes estão associados ao crime?

Recorrentemente, nos meios de comunicação social, surgem notícias que associam os imigrantes ao mundo da criminalidade.

Quando se olha as taxas brutas de criminalidade e se analisa o grupo de nacionais e o grupo dos estrangeiros verifica-se que para os primeiros esta é de 7‰ e no segundo 11‰. Aparentemente, os números confirmam esta ligação. Mas, veremos, trata-se de mais um erro de análise.

**Se a comparação for feita correctamente não há diferença na taxa de criminalidade entre nacionais e estrangeiros**

Interpretemos melhor estes números. Os investigadores Hugo Martinez de Seabra e Tiago Santos, num estudo pioneiro, "*Criminalidade de Estrangeiros em Portugal: um inquérito científico*"[13] deram passos significativos nesse objectivo, começando pelos universos de comparação.

A caracterização demográfica do universo da criminalidade é semelhante para nacionais e estrangeiros, com uma predominância de homens, em idade activa, solteiros e com habilitações académicas básicas. Até aqui, tudo bem. Mas, no passo seguinte, dá-se um enorme enviesamento: no caso dos nacionais, o universo de referência, sobre o qual se faz a percentagem para obter a taxa bruta de criminalidade, é o de todos os cidadãos nacionais, ou seja, dos 0 aos 100 anos, com proporção equilibrada no género e de todas as classes sociais e níveis académicos. Já o universo de referência dos estrangeiros é maioritariamente masculino, em idade activa e de nível sócio-economico médio-baixo. À partida, são universos não comparáveis, pois o dos nacionais inclui um peso muito significativo da faixa 0/16 anos (inimputável) e acima dos 60 anos (onde praticamente já não há criminalidade), faixas que quase não existem no universo dos estrangeiros. Desta diferença dos universos de referência, resulta, naturalmente um resultado errado.

Mas há ainda outro factor a considerar. O que as estatísticas da Justiça nos dão é simplesmente a nacionalidade, distinguindo entre nacionais e estrangeiros. Ora, não é coincidente o conceito de estrangeiro e de imigrante. Por exemplo, todos os turistas que nos visitam, são estrangeiros, mas não são imigrantes. No número de condenados estrangeiros há uma presença significativa de estrangeiros não imigrantes, nome-

13. Disponíveis em www.oi.acidi.gov.pt

adamente de "correios de droga", ou seja, pessoas sem residência ou profissão em Portugal que procuraram introduzir droga no nosso país, numa viagem de curta duração. Daqui se conclui, que da taxa bruta de criminalidade nos estrangeiros, uma parte não corresponde a imigrantes.

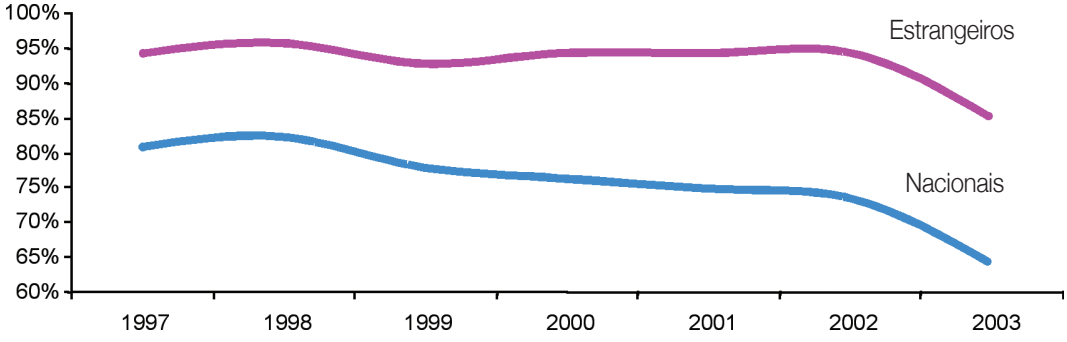
**Em média, os estrangeiros são sujeitos, para os mesmos crimes, a penas mais pesadas.**

Se se corrigirem os universos de comparação, equiparando-os, o valor da taxa bruta de criminalidade encontrado nos nacionais sobe de 7‰ para 11‰, enquanto se mantém nos 11‰ para os estrangeiros. Isto é, se compararmos o comparável, não há diferença na taxa de criminalidade entre nacionais e estrangeiros.

Finalmente, para concluir, em média, os estrangeiros são sujeitos, para os mesmos crimes, a penas mais duras. Isso é evidente desde a aplicação da prisão preventiva – facto que teria alguma explicação, pelo maior risco de fuga – até à comparação das penas pelo mesmo tipo de crime, como se verifica, por exemplo, na percentagem de aplicação de pena de prisão efectiva por tráfico de droga, entre os anos 1997 e 2003.

A desconstrução do mito que associa imigração a criminalidade, poderia ter começado por outra perspectiva de abordagem: a exclusão social que gera criminalidade. Com efeito, fruto de um percurso de discriminação face às oportunidades geradas e de uma acentuada desvantagem competitiva em relação à maioria dos nacionais – que reduz muitas vezes a zero o horizonte de futuro – alguns imigrantes, especialmente os descendentes de imigrantes, chegam à criminalidade. Não porque sejam estrangeiros, mas porque são excluídos. Sendo uma explicação parcial – verídica também para bolsas de exclusão social composta por nacionais – esta perspectiva é eminentemente justificativa e pode dar involuntariamente a ideia (errada) que a taxa de criminalidade é fatalmente maior entre os imigrantes. E como ficou anteriormente provado, isso não é verdade.

**Pena de Prisão Efectiva por Tráfico de Droga[14]**




14. A partir do Estudo de Seabra, H.; Santos, T. (2005) *Criminalidade de Estrangeiros: um Inquérito científico*, Observatório da Imigração.

# Os imigrantes trazem-nos doenças?

Desde tempos imemoriais sempre se agitou o fantasma da associação entre doença e estrangeiro. Desde as descrições dos leprosos, a vaguearem de terra em terra, agitando campainhas para que ninguém se aproximasse, até à associação entre as pestes do século XIV e os estrangeiros, nomeadamente com a perseguição aos judeus, sempre se verificou a tentação de culpar o estrangeiro, por todos os novos males da sociedade, nomeadamente, as doenças epidémicas. Essa atitude, ainda que mais discreta, também se verifica hoje, em relação aos imigrantes, considerando-os como potenciais portadores de doenças que nos ameaçam.

Esse receio é injustificado.

Vários estudos nos Estados Unidos da América[15] evidenciaram, por exemplo, um fenómeno identificado como "paradoxo hispânico", em que os imigrantes revelam à chegada, em média, melhores indicadores de saúde do que a população residente.

Dado o processo muito exigente de selecção natural que decorre durante o ciclo migratório, em que os mais fracos ficam pelo caminho, os imigrantes que conseguem vencer todas as barreiras e chegam aos países de acolhimento, são os mais saudáveis e com maior resistência física e psíquica. Este facto bloqueia significativamente a entrada de imigrantes doentes. E se é certo que ao terem origem em países mais pobres, tiveram possibilidades de contactar com algumas patologias que os países mais ricos já resolveram (como a malária, por exemplo, que desapareceu em Portugal há cerca de cinquenta anos ou as parasitoses intestinais) estes imigrantes vêm encontrar outras doenças, nomeadamente decorrentes de estilos de vida pouco saudáveis, com as quais não contactavam.

Se a situação à chegada desmente este preconceito de que os imigrantes, por regra, trazem doenças com eles, regista-se por outro lado, que a vida dos imigrantes, já no país de acolhimento, tem elevados riscos para a sua saúde.

E porquê?

As explicações são várias e bastante consistentes. Por um lado, a dureza da vida imigrante, está associada a vários factores de risco, como má alimentação, más condições de alojamento, profissões perigosas ou receio de contacto com o sistema de saúde.



15. Estudos comparativos entre imigrantes latinos e brancos não hispânicos americanos evidenciam que os primeiros têm taxas mais baixas de mortalidade por doenças cardíacas, cancro e derrames cerebrais.

Estes factores criam condições para que a doença se instale.

Surgem então, exactamente como na população nacional com o mesmo contexto socioeconómico, as doenças associadas à pobreza e à exclusão social: a tuberculose e outras doenças infecto-contagiosas, por um lado, os acidentes de trabalho e as doenças profissionais, por outro, bem como o alcoolismo e o excesso de consumo de tabaco.

Acresce que estes imigrantes que estão entre nós, têm outros riscos específicos para a sua saúde, nomeadamente os associados à saúde mental. A solidão e a dificuldade de integração, associadas à saudade de casa, da família e dos amigos, provocam, muitas vezes, quadros de depressão grave e de grande sofrimento – síndroma de Ulisses – que se acentua com episódios em que o imigrante se sente discriminado ou vítima de actos racistas. Este quadro arrasta por sua vez, num círculo vicioso, para comportamentos desviantes que constituem um factor de risco de agravamento do estado de saúde já débil.

**Os imigrantes revelam à chegada, em média, melhores indicadores de saúde do que a população residente.**

Neste domínio, importa também sublinhar que as dificuldades de acesso à saúde – ainda maiores que para os nacionais – agravam todos estes riscos. Por exemplo, muitos dos imigrantes para se deslocarem a uma consulta médica, perdem um dia de trabalho e, com ele, o salário associado. Outros, não tendo enquadramento de apoio na aquisição de medicamentos, não têm meios para os comprar por si mesmos e não cumprem os tratamentos que deveriam. Por fim, as diferenças culturais e linguísticas criam ainda outras barreiras, algumas difíceis de ultrapassar, que afastam os imigrantes do sistema nacional de saúde.

Como defendem as médicas portuguesas Domitília Faria e Helena Ferreira[16], *"Será incorrecto assumir que os imigrantes têm maior probabilidade de ser infectados no país de origem. A exposição ao VIH pode ocorrer em qualquer das etapas do processo migratório – país de origem, locais de trânsito, destino ou retorno à origem.*

**A vida de imigrante, já no país de acolhimento, tem elevados riscos para a sua saúde**

*No entanto, a quebra de laços familiares, a falta de recursos económicos, o isolamento e a marginalização, a dificuldade no acesso aos cuidados de saúde, são factores comuns que, acrescidos de barreiras linguísticas e culturais, tornam as comunidades imigrantes particularmente vulneráveis a esta infecção, no país de acolhimento."*

O que se passa com a SIDA, assim como com outras doenças, é que os imigrantes, tal como os portugueses em iguais circunstâncias socioeconómicas e culturais, estão mais expostos, por via da pobreza, da exclusão e de comportamento de risco, a serem contagiados ou a desenvolver determinadas doenças.

Por isso, em vez de ameaça, eles são, sobretudo, vítimas da sua circunstância e das vicissitudes da sua vida.

16. Respectivamente Assistente Hospitalar de Medicina Interna – Hospital do Barlavento Algarvio e Assistente Graduada de Saúde Pública – Comissão Distrital de Luta Contra a Sida/ARS do Algarve, em comunicação "Infecção VIH e Imigração em Portugal", 2002.

# Os imigrantes "ilegais" são perigosos?

As notícias recorrentes de detenções de imigrantes "ilegais" em operações policiais estabelece uma perversa ilusão de óptica na opinião pública que tende a olhar estas pessoas – alvos das polícias – como potenciais perigos para a sociedade.

Mas, quem é o imigrante "ilegal"?

É, tão só, um homem ou uma mulher que abandonou o seu país à procura de uma vida melhor, mas não tem autorização para permanecer e trabalhar no país para onde se dirigiu. Ou seja, não está autorizado a permanecer e trabalhar. Não se trata, por isso, de um perigo para a segurança pública, ou uma ameaça para qualquer um de nós. Aliás, teremos todos a experiência pessoal de contacto com muitos imigrantes que estão irregularmente em Portugal e, nesse contacto personalizado, percebemos quanto é disparatado este receio.

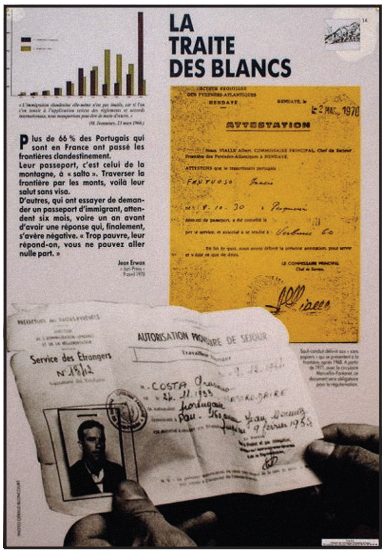
Mas mais fácil ainda, para percebermos melhor esta realidade, é recordarmos a nossa experiência de imigrantes irregulares. A nossa imigração "a salto", por exemplo, representava nos anos 60, mais de metade das saídas: eram perigosos esses emigrantes "ilegais" que partiam de Portugal?

Esta questão não se esgotou no passado. Actualmente, discute-se no Canadá, que destino deve dar o governo de Toronto a cerca de 10 000 imigrantes portugueses ilegais que aí permanecem.

É evidente que se defende a imigração legal, bem como o respeito das leis nacionais e internacionais. Não é desejável, para protecção dos próprios imigrantes, que entrem

*"Muitos dos emigrantes ilegais estão no Canadá há mais de sete anos, trabalham e fazem os seus descontos. É injusto deportar estes cidadãos que têm contribuído para o futuro deste país", sustentou.*
*A comissão de apoio aos portugueses indocumentados surge após a deportação de várias dezenas de famílias portuguesas.*
*No verão do ano passado estavam a ser deportadas "muitas famílias portuguesas", que depois de serem interrogadas pelos oficiais da imigração eram expulsas por estarem ilegais, afirmou. "Actualmente estão a deportar menos portugueses", referiu sem adiantar o número de portugueses que já foram expulsos do Canadá.*
*De acordo com António Letra, vivem em Toronto e nos arredores entre oito a dez mil portugueses ilegais e a maioria trabalha na construção civil e limpezas. A morar em Toronto há mais de sete anos, alguns destes portugueses indocumentados já compraram casa, vivem na Dundas Street (zona de concentração de portugueses), não sabem falar inglês e vieram para o Canadá porque já tinham uma pessoa de família a viver neste país."*

Excerto de notícia da Agência Lusa, 18 de Fevereiro de 2005




**O TRÁFICO DE BRANCOS**

Mais de 66% dos Portugueses que estão em França passaram as fronteiras clandestinamente. Os seus passaportes, são os da montanha, "a salto".

Atravessar a fronteira pelos montes, eis a salvação deles, sem carimbo da fronteira.

Outros, que tentaram pedir um passaporte de emigrante, esperam seis meses, um ano, antes de terem uma resposta, que no fim é negativa. "Muito pobre", dizem-lhes, "não podem ir para nenhum lado".

*Jean Erwan, "Juri-Press", 9 de Abril de 1970*

*De uma exposição da Federação das Associações Portuguesas de França. Disponível em http://www.museu-emigrantes.org/sonho_portugues.htm*

no circuito irregular. Mas não nos deixemos confundir: não estamos perante criminosos! Outra confusão que é feita é entre imigração irregular e máfias, como se fosse a mesma coisa. Os imigrantes irregulares não são membros de máfias: são as vítimas das máfias.

Estas operam – e prosperam tanto mais quanto mais restritiva é a política de imigração legal – em todo o mundo, e também em Portugal. Fazem contrabando ou tráfico de pessoas, que introduzem ilegalmente em território nacional, prometendo muitas vezes uma legalização fácil. Estas organizações enganam homens e mulheres desejosos de encontrar uma oportunidade de uma vida diferente no nosso país. Só que, uma vez nas malhas destas máfias, um imigrante irregular dificilmente sai, até ao momento que estas se considerem satisfeitas. É praticada uma extorsão mensal de parte significativa do salário, apreendidos os documentos e, se há uma recusa de pagamento, é usada uma violência extrema que pode ir até ao homicídio.

Há, no entanto, um alerta que importa fazer. A permanência prolongada nos territórios de exclusão social, entre os quais se conta a imigração irregular – mas também a pobreza e a guetização de populações portuguesas – pode criar, em situações extremas, becos sem saída que levam homens e mulheres em desespero a lançar mão de expedientes e actividades ilícitas.

Por isso, é essencial o combate à imigração irregular, promovendo verdadeiramente e em todas as frentes a imigração legal. Mas nunca esquecendo que dentro de um imigrante irregular mora uma Pessoa, com toda a sua dignidade humana.

# Os imigrantes rejeitam Portugal?

Em Portugal, este mito não tem grande expressão. Pelo menos, de uma forma explícita. Noutros países, principalmente do centro da Europa, é mais evidente esta cisão, com atitudes estruturadas de rejeição da sociedade maioritária por parte de algumas comunidades imigrantes, fundadas em diferenças culturais e religiosas. É conhecida a tensão com algumas comunidades de matriz islâmica, seja na Alemanha, na Holanda ou em França. Este fenómeno merece uma análise aprofundada, pois poderá esconder realidades mais complexas que o linear "choque de civilizações".

Mas, reportando-nos a Portugal, esta questão, com este formato, não existe. Existem sim, alguns discursos que reproduzem vozes de revolta de alguns jovens descendentes de imigrantes que repudiam Portugal e os portugueses. Procura-se encontrar aí a evidência que os imigrantes não querem fazer parte da nossa sociedade. Não é verdade, quer na expressão quantitativa destas vozes de revolta, quer sobretudo, após a descodificação desse grito de revolta. Importa, nesse contexto, fazer notar que esta é uma atitude reactiva, fundada na rejeição – real e/ou imaginada – que sentem da parte da sociedade

LUSA

p. 23

portuguesa. É o fruto de um ciclo vicioso de rejeição/revolta/reforço da rejeição que não termina.

**A esmagadora maioria dos imigrantes quer fazer parte da sociedade portuguesa.**

Mas, a regra, mostra evidências de atitudes opostas. A esmagadora maioria dos imigrantes quer fazer parte da sociedade portuguesa. Essa é, aliás, uma das suas grandes lutas. Esta vontade vai mesmo ao limite de ambicionar para si e, sobretudo para os seus filhos, a nacionalidade portuguesa. Em termos colectivos, a forma como celebram, por exemplo, a festa desportiva em solidariedade com todos os nacionais em torno de grandes momentos, como foi o Euro 2004 ou os Jogos Olímpicos de Pequim em 2008.

Em termos individuais, o brio com que figuras como Francis Obikwelu, Nelson Évora e Naide Gomes, assumem as suas vitórias defendendo as cores nacionais, evidenciam um sentido e um desejo de pertença que todos devíamos respeitar e reforçar.

LUSA

A história feliz de Nelson Évora deve fazer-nos pensar. Vindo para Portugal, com a família imigrante, aos cinco anos, só aos 18 anos teve acesso à cidadania portuguesa. Hoje com 23 anos, tem o 12.º ano completo, sonha também com outros "voos" nos estudos de Marketing, para juntar aos saltos que consegue no triplo e no salto em comprimento. A sua convicção religiosa – membro da fé bahaí – torna-o também militante da causa de "uma só humanidade". Este é o retrato sintético do nosso herói, no seu extraordinário trajecto de sucesso que o levou à fama mundial. Neste percurso, o mérito é, seguramente e antes de tudo, seu e da sua família. Apesar de todas as contingências negativas que qualquer família imigrante experimenta, conseguiram chegar aqui. Honra lhes é devida. São um exemplo para todos nós. [17]



17. Reportagem completa em http://www.acidi.gov.pt/docs/Publicacoes/BI/BI_52.pdf

# Os imigrantes vão colocar em risco a nossa cultura e as nossas tradições?

Verifica-se no já referido Estudo sobre "Imagens recíprocas entre imigrantes e autóctones", uma natural percepção da diferença do "outro" que se reflecte, por exemplo, nas respostas ao inquérito, onde 4 em cada 10 portugueses consideram os imigrantes "*muito diferentes nos seus usos e costumes" e "na forma como educam as suas crianças*"[18].

Na manipulação desta percepção da diferença, mobilizada em torno de uma visão defensiva e de medo, estrutura-se um outro mito em torno da imigração que passa pelo suposto risco de "contaminação" da nossa cultura e das nossas tradições por outras que nos são estranhas.

Esta visão, no entanto, incorre num triplo erro. O primeiro erro radica em acreditarmos que, num contexto de mundo aberto e globalizado, é possível não sermos influenciados por outras culturas e tradições, que nos chegam das mais diferentes formas, todas elas mais importantes que a influência dos migrantes com quem contactamos diariamente. Com a influência imparável dos *media* e da sociedade de consumo, importamos permanentemente traços que nos influenciam, quer consciente, quer inconscientemente. Tornamo-nos mais "outros", em torno de tantos "Pais Natais" que assimilamos e integramos nas nossas tradições. E isto, não é obrigatoriamente negativo.

O segundo erro é o que resulta da inversão de pesos relativos na inter-influência entre imigrantes e autóctones. Os fenómenos de aculturação, sempre discutidos, umas vezes como positivos, outras como negativos, agem sobre as minorias imigrantes que se vêem forçadas ou que aderem voluntariamente a uma mudança de crescente identificação com a sociedade de acolhimento que constitui a referência. O poder de influência não é minimamente comparável. O *"em Roma, sê romano"* constitui uma norma tão forte que o que se coloca frequentemente é o desafio para as comunidades imigrantes de manterem os seus traços identitários próprios, sem se deixarem assimilar totalmente.

Finalmente, o terceiro erro resulta de uma análise desajustada da identidade portuguesa. Mesmo que não o quiséssemos, o ser português é o resultado de múltiplas influências culturais e de tradições que, ao longo de séculos, se foram cruzando aqui e outras com que nos fomos cruzando pelo mundo. Somos um povo de fusão. Soubemos integrar uma diversidade que nos fez únicos, não pela homogeneidade mas pela miscigenação. Por isso, nada temos a temer do contacto com outras culturas e tradições. Pelo contrário, se com elas soubermos aprender, iremos ficando sempre mais ricos, porque mais diversos.

A Colecção de estudos Portugal Intercultural do Observatório da Imigração procura reflectir exactamente, a partir de marcas históricas, a presença e cruzamento de povos e culturas na identidade portuguesa. No primeiro estudo desta colecção – A Interculturalidade na Expansão Portuguesa (séculos XV-XVIII) – da autoria do Professor João Paulo Oliveira e Costa e da Dra. Teresa Lacerda, é bem ilustrado como a interculturalidade foi um traço marcante da Expansão portuguesa dos séculos XV a XVIII e como influenciou o nosso património cultural e a nossa identidade colectiva. Estes resultados são interessantes de realçar, em particular quando a História pode ter um papel crucial na projecção que se quer para o futuro de uma sociedade marcada pela riqueza da diversidade cultural.



18. Este valor verifica-se para imigrantes africanos e do leste europeu. Para os imigrantes brasileiros o valor é menor: 22 e 24% respectivamente.

# As respostas às seguintes questões são:

| | Verdadeiro | Falso |
|---|---|---|
| Os imigrantes estão a invadir-nos? | | X |
| Os imigrantes vêm roubar empregos e fazer baixar os salários? | | X |
| Os imigrantes vêm desgastar a nossa segurança social e são parasitas a viver de subsídios ? | | X |
| Os imigrantes estão associados ao crime? | | X |
| Os imigrantes trazem-nos doenças? | | X |
| Os imigrantes "ilegais" são perigosos? | | X |
| Os imigrantes rejeitam Portugal? | | X |
| Os imigrantes vão colocar em risco a nossa cultura e as nossas tradições? | | X |

**Não deixe que os preconceitos substituam a verdade dos factos. Não se deixe dominar por mitos falsos. Não se esqueça que qualquer um de nós poderia ser imigrante, se a vida a isso nos obrigasse e se tivessemos coragem e capacidade de sacrifício para tal aventura.**

## CONTACTOS ÚTEIS

**1. Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, I.P.**
Rua Álvaro Coutinho, n.º14 1150-025 Lisboa • Tel.: 218 106 100 • Fax: 218 106 117
acidi@acidi.gov.pt www.acidi.gov.pt

**2. Centro Nacional de Apoio ao Imigrante (Lisboa)**
Rua Álvaro Coutinho, n.º14 1150-025 Lisboa • Tel.: 218 106 100 • Fax: 218 106 117
Horário de funcionamento: 8h30 às 16h30

**3. Centro Nacional de Apoio ao Imigrante (Porto)**
Rua do Pinheiro, n.º9 4050-484 Porto • Tel.: 222 073 810 • Fax: 222 073 817
Horário de funcionamento: 8h30 às 14h30

**4. Linha SOS Imigrante**
808 257 257

# Não me chames estrangeiro

Não me chames estrangeiro, só porque nasci muito longe
ou porque tem outro nome essa terra donde venho.

Não me chames estrangeiro porque foi diferente o seio
ou porque ouvi na infância outros contos noutras línguas.

Não me chames estrangeiro se no amor de uma mãe
tivemos a mesma luz nesse canto e nesse beijo
com que nos sonham iguais nossas mães contra o seu peito.

Não me chames estrangeiro, nem perguntes donde venho;
é melhor saber onde vamos e onde nos leva o tempo.

Não me chames estrangeiro, porque o teu pão e o teu fogo
me acalmam a fome e o frio e me convida o teu tecto.

Não me chames estrangeiro; teu trigo é como o meu trigo,
tua mão é como a minha, o teu fogo como o meu fogo,
e a fome nunca avisa: vive a mudar de dono.

(...)

Não me chames estrangeiro; olha-me nos olhos
Muito para lá do ódio, do egoísmo e do medo,
E verás que sou um homem, não posso ser estrangeiro"

**Rafael Amor**

ENTIDADE FORMADORA ACREDITADA POR DGERT DIRECÇÃO-GERAL DO EMPREGO E DAS RELAÇÕES DE TRABALHO

POPH PROGRAMA OPERACIONAL POTENCIAL HUMANO

QREN QUADRO DE REFERÊNCIA ESTRATÉGICO NACIONAL PORTUGAL 2007.2013

UNIÃO EUROPEIA Fundo Social Europeu

GOVERNO DA REPÚBLICA PORTUGUESA